



GRUPO DE PESSOAS ENLUTADAS

GROUP OF BEREAVED PEOPLE

Nilton Eliseu Herbes*

Resumo:

O luto nunca foi um tema tão atual como na contemporaneidade. Após a pandemia do Covid-19, vivemos em uma sociedade em luto coletivo. Muitas mortes não puderam ser devidamente processadas, resultando, em alguns casos, em luto patológico. As comunidades de fé testemunham muitas de suas pessoas membras em estado de enlutamento. Elas não possuem estruturas e pessoas suficientes para fornecer o acompanhamento ou aconselhamento pastoral adequado. Por isso, este artigo aborda a questão do trabalho com pessoas enlutadas em grupos de apoio. O texto trata, de forma concisa, da dinâmica dos grupos na vida da sociedade, do tema do luto e aconselhamento, da importância do trabalho em grupos de enlutados e propõe um itinerário para a prática dessa atividade. A pesquisa é bibliográfica e reflexiva, com uma proposta de ação concreta para o trabalho comunitário.

Palavras-chave: Aconselhamento pastoral. Luto. Grupo. Comunidade.

Abstract:

Grief has never been such a timely topic as in contemporary times. After the Covid-19 pandemic, we are living in a society in collective mourning. Many deaths could not be properly processed, resulting, in some cases, in pathological grief. Faith communities witness many of their members in a state of mourning. They lack sufficient structures and personnel to provide adequate support or pastoral counseling. Therefore, this article addresses the issue of working with bereaved individuals in support groups. The text succinctly discusses the dynamics of groups in society, the topic of grief and counseling, the importance of working in bereaved groups, and proposes an itinerary for the practice of this activity. The research is bibliographic and reflective, with a concrete action proposal for community work.

Keywords: Pastoral counseling. Grief. Group. Community.

* Nilton Eliseu Herbes, Doutor em Teologia. Professor Adjunto na Faculdade EST. São Leopoldo, RS, Brasil. E-mail: nherbes@yahoo.com.br

Introdução

O luto é um tema muito presente na contemporaneidade, principalmente levando em consideração toda a situação vivida neste período de pós-pandemia. Muitas pessoas vieram a óbito e os processos iniciais de luto foram dificultados por conta da necessidade de afastamento e impossibilidade de realizações de despedidas, velórios prolongados e de sepultamentos públicos.

Em relação à igreja, houve uma limitação no acompanhamento pastoral, tanto no período da morte, como no momento do sepultamento e no tempo do início do luto. Assim, ficaram lacunas a serem preenchidas no atendimento pastoral às pessoas que, em muitos casos, agora ainda estão com dificuldade de superação do processo de luto. Há uma grande necessidade de elaboração de perdas e de acompanhamento pastoral para tal.

Por outro lado, na realidade das comunidades de fé, com a possibilidade de retorno às atividades presenciais, a rotina pastoral volta a ser vivida com mais intensidade. A grande maioria das pessoas religiosas se sente sobrecarregada com as atividades que parecem se acumular na realidade das comunidades. Sendo assim, não sobra muito tempo para o acompanhamento mais individual de pessoas enlutadas e se faz necessário encontrar alternativas.

Houve um desgaste no contexto das capelarias hospitalares e do trabalho de visitação hospitalar, devido ao papel de suporte que tiveram que desempenhar para muitas equipes de assistência. As equipes de saúde viram nas pessoas religiosas, quando permitidas a permanecer nos hospitais, um apoio para o cuidado de que necessitavam. As famílias, impedidas de entrar nos hospitais durante a pandemia, encontraram na presença da pessoa pastoral uma aliada para o diálogo e para receber informações sobre seus entes queridos internados. Em muitos casos, essas informações eram acompanhadas da triste notícia do falecimento de alguém próximo. Portanto, o luto também se tornou um tema importante para esse grupo de profissionais.

No contexto da pandemia de COVID-19 há uma série de fatores que podem dificultar a elaboração do luto, tais como morte repentina e em circunstâncias de total isolamento em unidade hospitalar, experiência do morrer em situação de intenso sofrimento e dor física, supressão do tempo necessário para que se possa dar significado à perda, exposição ao estigma e discriminação social, rarefação de ritos e rituais, falta de suporte social, tensionamento das relações familiares e ocorrência de outras perdas simultaneamente à morte. Nesse cenário adverso, nota-se a elaboração de propostas de intervenção mediadas pelo uso de tecnologias digitais, a fim de abrandar o sofrimento de familiares e amigos.¹

¹ CARDOSO, Érika Arantes de Oliveira et al. The effect of suppressing funeral rituals during the COVID-19 pandemic on bereaved families. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** [online]. 2020, v. 28. p. 2. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.4519.3361> Acessado em 20/05/2023.

Diante desse novo desafio, criou-se, por inúmeros meios e instituições, novas formas de comunicação, atendimento ou mesmo aconselhamento. Porém, após a diminuição de casos de Covid-19, com o relaxamento do afastamento social, essas mesmas formas de comunicação não exercem o mesmo atendimento que era oferecido anteriormente. Falando em termos de comunidades, as atividades corriqueiras voltaram a ser presenciais e assumiram boa parte do tempo das pessoas religiosas. A membresia eclesial voltou ao seu ritmo de trabalho e vida, e busca por novas formas de “retomar” antigos atendimentos ou buscar novas possibilidades ou ofertas de ajuda. Porém, em ambos os lados, se percebe uma sobrecarga e, ao mesmo tempo, uma necessidade de cuidados.

Há um grande grupo de pessoas que vivem num luto solitário, causado pelo distanciamento em tempos pandêmicos, que precisa ser trabalhado em nossas comunidades. A perda de uma pessoa amada, o enterro com normas sanitárias mais rígidas, a não possibilidade de velórios, as poucas pessoas no sepultamento, o fato de não poder ver a pessoa morta e muito menos tocá-la, dentre outras tantas situações, causaram muito sofrimento e dor durante a período mais intenso do alastramento do Covid-19. Isso tudo resultou em lutos solitários. Mesmo o acompanhamento religioso, através da visitação após o sepultamento e do aconselhamento pastoral em tempos de luto, foi restringido, muitas vezes, à uma ligação telefônica ou à ausência total de acompanhamento. Nessa realidade temos um número maior de pessoas em busca de ajuda e de formas de alívio de seus sofrimentos, onde percebemos lutos patológicos que não foram elaborados adequadamente.

Dessa forma, em tempos pós-pandêmicos, a realidade do luto se mostra muito mais presente e precisa ser encarada e trabalhada para que se possa ter uma continuidade de vida saudável, para que as pessoas possam se reencontrar nesse novo contexto apresentado. Surge, assim, a pergunta: Como podemos ajudar um grupo maior de pessoas no seu processo de luto? Este artigo quer auxiliar pessoas que atuam em trabalhos de cuidados de outras no processo de elaboração do seu luto, como um impulso a pensar em alternativas de cuidado. Partindo da realidade de rodas de conversas, pensar como essas podem se transportar para a realidade da vivência comunitária e auxiliar pessoas enlutadas em seu caminho de superação. Direcionamos a escrita para o trabalho comunitário, mas nada impede que esse mesmo tipo de trabalho possa ser oferecido por outras instituições de cuidado.

Grupo de apoio

Ao considerarmos uma forma de comunicação, diálogo, terapia e cuidado com um número maior de pessoas, é natural pensar nas rodas de conversa, nas trocas informais entre amigos, compartilhando uma bebida, cantando juntos, desfrutando de um chimarrão, e em tantas outras formas de convívio em grupo. Essas rodas são características de nosso estilo de vida e convívio, podendo ser consideradas como um aspecto brasileiro ou mesmo latino-americano de socialização por afinidade. Por outro lado, ainda temos uma forte influência do nosso jeito "igrejeiro" de celebrar e trabalhar, especialmente quando pensamos em celebração e aconselhamento pastoral, que são fortemente influenciados por um contexto do hemisfério norte.

O desafio de repensar o trabalho eclesial, considerando nosso contexto, nos leva a refletir sobre a importância de rodas e círculos. Ao analisar o trabalho em grupos, podemos aprender com uma atividade que envolve pessoas com deficiências. Nessa atividade, o objetivo do grupo de apoio é desencadear um processo que permita a superação de barreiras, sejam elas internas ou externas, proporcionando oportunidades para que essas pessoas se envolvam em uma vida de celebração, compartilhamento, amizade, afeto, lazer e convívio. Destaca-se a visitação e o convívio fraterno como pontos fortes desse trabalho baseado em grupos de apoio. Como eixo de sustentação dos grupos, se apresenta a solidariedade e a busca do desenvolvimento integral da pessoa.²

Refletindo em termos de crescimento, o grupo de apoio é o lugar ideal em relação às questões emocionais. O grupo de pessoas reunidas, pode oferecer a sensação de apoio e proporcionar o sentimento de ser amado, valorizado e acolhido pelas demais pessoas participantes. O proporcionar uma comunhão terapêutica está ligado com o ouvir e levar em consideração as necessidades das outras pessoas, mostrando-se aberto para o diálogo, a conversa, proporcionando dessa forma o acolhimento e a aceitação. Isso nos lembra um versículo de uma das cartas de Paulo, onde consta: "Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo" (G1 6.2).³

Nos últimos anos, percebemos que os profissionais da área da saúde mental têm dado, cada vez mais, valor à realização de grupos terapêuticos, nos quais as pessoas ajudam umas às outras, proporcionando assim um processo terapêutico, de cuidado mútuo, ou de cura. Essa

² WUTZKE, Egon; WALBER, Vera Beatris. As pessoas com deficiência e sua vida comunitária. In: GAEDE NETO, Rodolfo; PLETSCHE, Rosane; WEGNER, Uwe (Orgs.). **Práticas diaconais: subsídios bíblicos**. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2004. p. 178.

³ WUTSKE; WALBER, 2004, p. 179.

referência já podemos encontrar na obra de Garry Collins.⁴ Nosso desafio é refletir como essa forma de ajuda pode ser trazida para dentro do contexto eclesial.

Collins relata que mesmo as comunidades dos primeiros cristãos, reunidos em pequenos grupos para receber o ensino, ter comunhão, comer e orar juntos, se apoiavam e animavam mutuamente. Ali, pode estar o início de um exemplo de grupo de apoio eclesial. No início do século passado, um grupo de psiquiatras norte-americanos reuniu um grupo de pessoas tuberculosas em turmas. Através do compartilhamento de suas experiências, encorajamento mútuo e o desenvolvimento de laços de amizade e solidariedade, eles perceberam o potencial do cuidado em grupo. Esse era um processo de aconselhamento em grupo, o que se tornou, mais tarde, um tratamento único e especializado. Milhares de técnicas foram desenvolvidas nesse sentido, chegando ao auge da popularidade durante a era dos encontros de grupos, ocorrido na década de 1960 e 70.⁵

As experiências vivenciadas pelas pessoas em atividades de grupos, saindo do individualismo, numa realidade e sociedade que incentiva a isso, são um desafio para a quebra de exclusões sociais de pessoas que estão em sofrimento. A possibilidade de poder participar de um grupo de apoio é mais do que só encontrar outras pessoas, numa reunião, para resolver problemas. É um momento de partilha, de conhecer-se e deixar-se ser conhecido, e de levar as cargas que possuímos, conjuntamente. O grupo de apoio oportuniza convivência, diálogo, acolhimento.⁶ Dessa forma, auxilia no processo de ajuda e cura entre as diferentes pessoas participantes desse momento.

Já é de conhecimento que a espiritualidade e a religiosidade são fatores importantes na vida do ser humano. Por isso o interesse, de tantas outras áreas de conhecimento, sobre o assunto. A discussão é ampla, porém uma definição que nos pode ajudar, de forma extremamente reduzida, é a de Jardelino Menegat, Dirléia Sarmiento e Manuel Díaz, que enfatiza a espiritualidade como parte integrante do ser humano, assim ela

é uma dimensão antropológica, própria da pessoa, independentemente da religiosidade praticada e atribuída às religiões. [...] As práticas confessionais podem ser uma das formas de trabalhar a espiritualidade, mas, conceituada amplamente, a espiritualidade é um modo de a pessoa ser e de se apresentar no mundo.⁷

⁴ COLLINS, Garry R. **Aconselhamento cristão**. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 15.

⁵ COLLINS, 2004, p. 68.

⁶ WUTZKE; WALBER, 2004, p. 178.

⁷ MENEGAT, Jardelino; SARMENTO, Dirléia F.; DÍAZ, Manuel. Bem-estar no ambiente de trabalho: a espiritualidade como diferencial. **Conhecimento e Diversidade**, Niterói, n. 12, p. 129-144, jul./dez. 2014. p. 133.

O trabalho com grupos, no contexto das comunidades de fé, deverá inegavelmente ter como baliza a espiritualidade. Esse é o específico do trabalho da igreja com as pessoas que nela congregam. Pensar grupos para dentro da realidade eclesial é pensar formas de vivências de espiritualidade. No caso, vivências de cura para pessoa quebrantadas pela dor do sofrimento, causado pelo luto.

Aconselhamento e Luto

O aconselhamento pastoral é uma das principais formas de ajudar pessoas que necessitam de apoio em situação de crise e sofrimento. Segundo Howard Clinebell, “o aconselhamento pode ajudar-nos a *ser* igreja – a comunidade em que o amor de Deus se torna uma realidade experimentada em relacionamentos.”⁸ Viver e experimentar o amor de Deus em uma dinâmica de compartilhar as alegrias e tristezas entre as pessoas é uma maneira concreta de viver o ser igreja, especialmente quando se trata de pessoas em situação de luto. No meio cristão, é no relacionamento com as outras pessoas que se experimenta a proximidade de Cristo.

Aconselhamento pastoral aqui é entendido como um processo de comunicação em vistas de prestar auxílio às pessoas com alguma necessidade de ajuda para superação de dificuldades. Neste caso, seriam pessoas vivendo em situação de luto. Como para a elaboração do luto é necessário que se fale, sempre de novo e de novo, sobre a pessoa que faleceu, o aconselhamento tem sido parceiro no processo de escuta, numa sociedade onde pouco se faz escutar. Não há outra forma de elaboração do luto sem que a dor seja verbalizada, seja dividida com outras pessoas, e assim elaborada e reelaborada num processo contínuo de contar a história de quem morreu.

Blanches de Paula afirma que “aconselhar é a arte de reconhecer nossa vocação para escutar a dor do outro e oferecer nossos olhos quando a pessoa em sofrimento não enxerga mais as cores que compõem a existência.”⁹ Assim, ela entende que “no aconselhamento, a mensagem vem de quem traz em si a história de vida que quer compreender com os valores de sua fé.”¹⁰ Portanto, a igreja possui a obrigação de fornecer espaços de escuta e apoio para as pessoas que sofrem.

⁸ CLINEBELL, Howard. **Aconselhamento pastoral**: Modelo centrado em libertação e crescimento. São Leopoldo: Sinodal/EST, 6ª. Ed. 2016. p. 14.

⁹ PAULA, Blanches de. **Pedaços de nós**: luto, aconselhamento e esperança. São Paulo: ASTE, Editeo, 2011. p. 207.

¹⁰ PAULA, 2011, p. 207.

Há conhecimento de que o processo do luto ainda não é algo definido. A morte é assimilada de diferentes formas por diferentes pessoas, dependendo de suas vivências, experiências, e de sua composição psicológica e de fé. Mesmo sabendo da existência das fases do luto, nem todas as pessoas passam por elas e nem na ordem que estão definidas, como no caso da autora Elisabeth Kübler-Ross¹¹.

A ausência de uma rotina no processo de sepultamento dos corpos, como os rituais fúnebres, a não visualização do corpo sem vida, em tempos de pandemia, agregaram para o sofrimento ainda maior de pessoas enlutadas, o que repercute no processo de assimilação do luto. A pandemia trouxe consigo outras dificuldades, que acabaram causando ainda mais sofrimento. As incertezas políticas, sociais e econômicas, de quem já se encontrava fragilizado psiquicamente, foram fatores que se destacaram nesse processo.¹²

No contexto da pandemia, relacionado às mortes de pessoas com Covid-19, as autoras Suzane Smeltzer e Brenda Bare definem que o luto se refere aos sentimentos pessoais que acompanham uma perda prevista ou real. Essa perda está relacionada ao intervalo de tempo no qual acontecer o pesar. Com o passar do tempo, na medida em que a pessoa enlutada aprende a viver com a perda de seu ente querido, os comportamentos de pesar e as reações de luto vão se modificando. Porém, conforme conceituações mais recentes, a perda, como processo de desenvolvimento contínuo, não é sinônimo de cicatrização completa da ferida deixada pela morte de alguém. A dor é amenizada, mas a perda não é atenuada por completo, e isso provoca nela uma mudança, o que faz com que ela não seja o que era antes, fazendo-a desenvolver um novo sentido de quem é e onde é o seu novo lugar adaptado neste mundo que se alterou drástica e permanentemente.¹³

Para muitas pessoas, um dos maiores sofrimentos em tempos pandêmicos foi a solidão. Um fator agregador de sofrimento pode ser visto na perda de pessoas amadas, neste tempo de isolamento. Érica Cardoso, em sua pesquisa, reforça que a “solidão” imposta pelo evento pandêmico foi um agravante de dor no momento de luto. A impossibilidade de ficar em família,

¹¹ KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p. 25. A autora descreve as fases do luto.

¹² MELLO, Robson. Luto na pandemia covid-19. **Revista PsicoFAE**: Pluralidades em Saúde Mental, v. 9, n. 1, 2020. n.p.

¹³ SMELTZER, Suzanne C.; BARE, Brenda G. (orgs). **Tratado de enfermagem médico-cirúrgica**. Brunner & Suddarth. Trad. José Eduardo Ferreira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017. p. 418-422.

encontrar outros familiares, e oferecer apoio nos momentos de morte de pessoas de vínculo foram desencadeadores de sofrimento mais intenso. Cardoso registra:

Em se tratando da cultura brasileira, esses ritos de passagem que compõem os rituais de despedida estão tão naturalizados no cotidiano que sua suspensão, ainda que justificada, é cercada de incredulidade e sofrimento. A sensação dominante é de que um ciclo se abriu e não se completou: *O mais triste é que, por estarmos no meio de uma pandemia, não terá velório do jeito que ele mais amaria, com uma tocada da orquestra dele (neto)*. O processo de chorar o morto e de se reunir com parentes e amigos para receber conforto e solidariedade foi sumariamente interrompido: *A coisa mais triste do mundo é perder um filho, não poder ir ao enterro, não poder fazer nada. É muito difícil, difícil, difícil. Até a gente não aguentar mais (mãe)*.¹⁴

A dor do luto presente na vida das pessoas que sofreram perdas durante o período pandêmico não desapareceu com a amenização da pandemia. Por isso, o trabalho com pessoas enlutadas é de tamanha importância, e uma das instituições que deverá assumir esse compromisso é a igreja. Se o aconselhamento pastoral é o caminho para auxiliar pessoas em seus sofrimentos e dores, na procura por uma possível cura, é preciso repensar formas de como realizar essa atividade, com o intuito de atingir um público maior do que no atendimento individual.

Grupo de pessoas enlutadas

Ao pensarmos no aconselhamento pastoral, logo nos damos conta que ele é realizado de forma individualizada, com hora marcada em escritórios pastorais, sendo que só um público restrito é atingido. Buscando-se um jeito novo, latino, de fazer e viver igreja, surge a pergunta: como rever essa forma de cuidado?

Pensar uma roda de aconselhamento pode ser um desafio, um velho novo jeito de fazer, mas pode aproximar mais as pessoas que estão dispostas a trazer o jeito que se vive nos lares e nos círculos de amizades para dentro do jeito de viver igreja.

Clinebell, trabalhando com a questão do aconselhamento em pequenos grupos, afirma: “Métodos de assistência e aconselhamento em grupo constituem o recurso mais fecundo para a ampliação e o aprofundamento do ministério de cura e crescimento de uma igreja!”¹⁵ Ampliar o aconselhamento para abranger um número maior de pessoas é um desafio para a realidade do trabalho com enlutados na atual conjuntura. Por outro lado, pode proporcionar um crescimento para a igreja.

¹⁴ CARDOSO, 2020, p. 5.

¹⁵ CLINEBELL, 2016, p. 338.

Nesse mesmo sentido, a autora Ana Coelho trabalha com a questão da abrangência do aconselhamento pastoral para dentro da realidade de comunidades de fé. “Através de pequenos grupos, uma igreja poderá suprir as necessidades emocionais e espirituais de muitos de seus membros.”¹⁶ Mostra-se, assim, que os grupos podem ser uma alternativa positiva para o trabalho com públicos específicos, também com pessoas vivendo em luto.

Iara Muller, na composição de sua dissertação de mestrado “Aconselhamento em grupo com pessoas portadoras de deficiência”, mostra a composição de pequenos grupos de aconselhamento pastoral como lugares que promovem transformação, demonstrando como um grupo de aconselhamento pode se tornar uma experiência valiosa, e auxiliando, de forma positiva, no enfrentamento de situações limites. Os mencionados grupos podem ser de uma valia imensa na ajuda, através do aconselhamento pastoral, da elaboração de crises pessoais.¹⁷ Mesmo que o público para o qual a autora escreve seja outro, entendemos que podemos aplicar o mesmo para pessoas enlutadas.

Indiscutivelmente, o aconselhamento individual possui o seu valor e é muito útil para várias pessoas. Porém, os benefícios para pessoas que participam em grupos de apoio, como pessoas em busca de aconselhamento, são maiores, pelo fato de poderem compartilhar com outras, de igual interesse, as suas questões.¹⁸ Dessa forma, há um enriquecimento e um processo de reflexão, que leva a um processo de cura, para um grupo maior de pessoas. O ouvir de outras pessoas, que passam pelo mesmo processo, faz com que se reflita sobre a sua situação atual.

Se referindo ao aconselhamento pastoral em grupos, mais especificamente de pessoas enlutadas, Giani Pena menciona grupos de convivência com necessidades afins como possibilidade de um bom acompanhamento, que vai além de compartilhar sua história de dor e sofrimento. “[...] pois o indivíduo necessitará de uma rede de apoio e um sentimento de pertença (pertencimento) na caminhada de superação de seu luto – e estes poderão ser viabilizados num pequeno grupo.”¹⁹ Os grupos podem oferecer muito mais do que simplesmente aconselhamento. Eles permitem que

¹⁶ COELHO, Ana Alice Teixeira de Lima. **Aconselhamento em grupos na igreja local**. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Aconselhamento e Psicologia Pastoral. 47f. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 2008. p. 11.

¹⁷ MULLER, Iara. **Aconselhamento em grupo com pessoas portadoras de deficiência**. Dissertação de mestrado para obtenção do grau de mestrado em Teologia. 216p. São Leopoldo, 1997. p. 9.

¹⁸ COLLINS, 2004, p. 58.

¹⁹ PENA, Giani Mota Brandão. **Suicídio, sobrevivente e aconselhamento pastoral: reflexões no vale da sombra da morte**. São Leopoldo, RS, 2012. 84 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2012, p. 54. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/335/1/pena_gmb_tmp242.pdf Acessado em 24/04/2023.

as pessoas se sintam parte de um grupo maior, composto por indivíduos que enfrentam situações semelhantes, o que ajuda a reduzir o isolamento, criar novos vínculos e proporcionar apoio mútuo, mesmo fora do ambiente do grupo.

Clinebell, destacando a formação de pessoas leigas para o auxílio no aconselhamento da comunidade, pensando no aspecto da poimênica, enfatiza a criação de grupos de apoio mútuo como forma do agir da comunidade, em favor das pessoas necessitadas.²⁰ Aqui, podemos destacar o aspecto do sacerdócio geral de todas as pessoas que creem como espaço de ação da comunidade, auxiliando no espírito comunitário de ajuda, que deve ser um diferencial dentro do contexto de comunidades cristãs, no apoio do acompanhamento de pessoas enlutadas. Nem sempre lideranças religiosas poderão assumir todo o trabalho. Por isso: “Caso tal liderança não esteja disponível, a igreja deveria concentrar-se (...) em aconselhamento de prazo relativamente curto em grupos destinado a ajudar pessoas a enfrentar perdas e crises de modo construtivo.”²¹

Falando em vivência comunitário, Paula afirma que o cuidado pastoral é algo que pode ser articulado com a vivência comunitária do luto, destacando a influência positiva que a comunidade pode ter nesse processo, sendo que a autora também percebe a importância do envolvimento de outras pessoas da comunidade no cuidado de enlutados. Nesse sentido, se abrange a ação pastoral da comunidade ligada a uma realidade de comunidade entendida como terapêutica.²²

Susan Rocca afirma que o caminhar juntos, o aspecto da ajuda mútua e a oportunidade de poder falar de suas dores e as causas alimentam a esperança de uma vida nova. O grupo, como espaço de acolhida à dor, de falar e ouvir, sem medo de preconceitos, é revelação de um caminho à ressignificação da vida, diante da constatação da finitude, da morte. Entendemos, então, que “resiliência não se faz sozinho. É presença do outro, é vínculo, é apoio mútuo, é comunhão”.²³ O encontrar sentido em continuar vivendo, ou se readaptar a nova realidade imposta, após a morte de uma pessoa amada, pode ser facilitado no convívio com outras pessoas, no apoiar e se sentir apoiado, na celebração e na comunhão com pessoas que passam pelo mesmo sofrimento.

Dinâmica de um grupo de pessoas enlutadas

²⁰ CLINEBELL, 2016, p. 68.

²¹ CLINEBELL, 2016, p. 349.

²² PAULA, 2011, p. 189.

²³ ROCCA, Susan M. Resiliência: Uma perspectiva de esperança na superação das adversidades. In: HOCH, Lothar Carlos & ROCCA, Susan M. (Orgs.). **Sofrimento, Resiliência e fé: Implicações para as relações de cuidado**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007. p. 84.

A busca por uma prática de cuidado de pessoas enlutadas, em grupo, nos conduz à reflexão de como isso ocorreria de forma bem concreta. Na maioria das comunidades de fé já existem diferentes tipos de grupos, com diferentes dinâmicas. O que se verá descrito abaixo não é nada novo, porém, pode auxiliar a se pensar em novas formas de ajudar e cuidar de pessoas no contexto eclesial.

Voltando ao conceito de que o trabalho todo não precisa ser realizado só pela pessoa religiosa, é importante que haja um grupo de trabalho em torno do grupo de pessoas enlutadas. Ele pode ser composto por indivíduos com formação na área de psicologia, serviço social, ou mesmo por membros da comunidade com experiência no trabalho com outras pessoas. A sensibilidade, o dom de liderança, a calma, a paciência, o saber ouvir e a empatia são características que podem ser observadas nessa escolha.

Abaixo, segue como poderia ser, em grandes rasgos, a dinâmica de um grupo de pessoas enlutadas:

Chegada – A recepção das pessoas que se animaram para participar do grupo deve ser de forma afetiva, fazendo-as se sentirem bem-vindas ao encontro. É aconselhável que haja uma pessoa que receba os e as participantes na sua chegada. Como em todas as atividades de grupos, não é subentendido que ela esteja ali.

Acolhida – O grupo se senta em uma grande roda de cadeiras. Alguém lhes dá as boas-vindas, podendo usar um pensamento, um versículo bíblico ou algo do gênero, e manifestando a satisfação que as pessoas tenham se motivado a participar daquele momento de encontro. Apresenta-se quem está atuando como liderança nesse grupo, bem como as pessoas presentes. O objetivo de público desse grupo deveria ser aberto, sendo que cada pessoa pode participar quando sentir necessidade, e não há obrigação de fazer parte continuamente do grupo. Sua dinâmica permite a realização de um grupo com público aberto.

Mensagem – Uma pequena mensagem é preparada anteriormente, diferente para cada uma das reuniões. Essas mensagens podem ser algo relacionado a um texto bíblico, assim como podem ser textos reflexivos, que auxiliem as pessoas a pensarem pelo que estão passando.

Explicação da dinâmica – Sendo um grupo com mais de cinco ou seis pessoas, sugere-se que seja dividido em grupos menores (de 5 a 6 pessoas, mais uma pessoa facilitadora). Todas as pessoas devem ter a chance de se manifestar. Deve haver a regra de que, se uma pessoa já fez o uso da palavra, ela deveria, dentro do possível, esperar até que as demais tenham se manifestado para poder falar novamente. Como grupo de apoio, o objetivo é que todas as pessoas possam contar a

sua história e ouvir a história das outras, num processo de aprendizagem e análise da própria situação. A pergunta geradora da conversa será: “Como estou me sentindo hoje em relação à pessoa que faleceu?” A pessoa facilitadora possui a tarefa de coordenar as falas e auxiliar o grupo no seu processo de conversa. É importante frisar que o sigilo deveria ser algo a se manter, pois haverá exposições pessoais e que não deveriam sair do grupo participante.

Atividade em grupos – Dividem-se os grupos e se estipula o tempo de duração da atividade (sugestão de uma hora de conversa). Se houver momentos de choro ou de silêncio, esses devem ser tolerados, pois são momentos importantes na dinâmica do grupo.

Fechamento – Após a dinâmica de grupo, todas as pessoas são novamente reunidas no grupo maior. Deverá ser verificado se há alguém que gostaria de compartilhar algo no grupo maior. Se houver, dar abertura para essa exposição. Finalmente, parte-se para o fechamento do encontro.

Oração e bênção – Para finalizar é importante que haja um momento de oração e bênção para todas as pessoas participantes.

Final – Após o encontro, pode ser importante ter um momento com café, chá ou suco, e talvez algo para comer. Esse espaço é importante para tecer redes entre as pessoas, onde elas podem continuar conversando e se conhecerem melhor. Também é uma oportunidade para que pessoas dispostas possam prestar outros auxílios para quem esteja precisando.

Considerações finais

Na contemporaneidade, nessa sociedade líquida e pós-moderna, as pessoas buscam espaços onde tenham a possibilidade da convivência, do compartilhar as alegrias e, principalmente, os momentos de sofrimento e crise. O presente artigo teve a intenção de demonstrar uma forma de cuidado com pessoas enlutadas, a partir do aconselhamento e do trabalho em grupos, dentro da realidade de comunidades de fé.

O luto sempre é uma experiência dolorosa e triste. Vivê-lo sozinho e isolado o faz ser mais pesado ainda. A comunidade cristã tem, desde a sua origem, o cuidado como desafio, principalmente com as pessoas mais fracas e necessitadas. Pessoas enlutadas precisam, principalmente nesse momento da vida, de apoio e de acolhida pela comunidade.

Um grupo de pessoas enlutadas pode fazer a diferença na vida de muitas pessoas, oferecendo solidariedade em tempos de sofrimento, acolhimento em suas dores, compartilhamento com pessoas que estão passando pela mesma situação, vivência e aprendizado

da resiliência. Essa experiência pode ser uma forma de fortalecimento de laços de amizade e de fé dentro do contexto comunitário.

Para finalizar, a proposta de trabalho com pessoas enlutadas apresentada não precisa necessariamente ocorrer na realidade de comunidades de fé. Há outros espaços onde esse tipo de atividade pode ser incluído no processo de cuidado. Exemplos são: hospitais, asilos, funerárias, organizações sociais, dentre outras. Onde há pessoas vivendo em luto, é possível realizar trabalhos de cuidado e acompanhamento, e a dinâmica dos grupos de pessoas enlutadas se apresenta como uma alternativa para a prática desse cuidado.

Referências

CARDOSO, Érika Arantes de Oliveira et al. The effect of suppressing funeral rituals during the COVID-19 pandemic on bereaved families. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** [online]. 2020, v. 28. p. 2. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.4519.3361> Acessado em 20/05/2023.

CLINEBELL, Howard. **Aconselhamento pastoral: Modelo centrado em libertação e crescimento**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 6ª. Ed. 2016.

COELHO, Ana Alice Teixeira de Lima. **Aconselhamento em grupos na igreja local**. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Aconselhamento e Psicologia Pastoral. 47f. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 2008.

COLLINS, Garry R. **Aconselhamento cristão**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MELLO, Robson. Luto na pandemia covid-19. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, v. 9, n. 1, 2020.

MENEGAT, Jardelino; SARMENTO, Dirléia F.; DÍAZ, Manuel. Bem-estar no ambiente de trabalho: a espiritualidade como diferencial. **Conhecimento e Diversidade**, Niterói, n. 12, p. 129-144, jul./dez. 2014.

MULLER, Iara. **Aconselhamento em grupo com pessoas portadoras de deficiência**. Dissertação de mestrado para obtenção do grau de mestra em Teologia. 216p. São Leopoldo, 1997.

PAULA, Blanches de. **Pedaços de nós: luto, aconselhamento e esperança**. São Paulo: ASTE, Editeo, 2011.

PENA, Giani Mota Brandão. **Suicídio, sobrevivente e aconselhamento pastoral: reflexões no vale da sombra da morte**. São Leopoldo, RS, 2012. 84 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior

de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2012, p. 54. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/335/1/pena_gmb_tmp242.pdf Acessado em 24/04/2023.

ROCCA, Susan M. Resiliência: Uma perspectiva de esperança na superação das adversidades. In: HOCH, Lothar Carlos & ROCCA, Susan M. (Orgs.). **Sufrimento, Resiliência e fé: Implicações para as relações de cuidado**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007.

SMELTZER, Suzanne C.; BARE, Brenda G. (orgs). **Tratado de enfermagem médico-cirúrgica**. Brunner & Suddarth. Trad. José Eduardo Ferreira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.

WUTZKE, Egon; WALBER, Vera Beatris. As pessoas com deficiência e sua vida comunitária. In: GAEDE NETO, Rodolfo; PLETSCHE, Rosane; WEGNER, Uwe (Orgs.). **Práticas diaconais: subsídios bíblicos**. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2004.